

Acorda, Brasil: viva a crise!

Caminhamos para o esgotamento das reservas de petróleo, o que não ocorrerá amanhã, e sim no fim deste século, mas a demanda em excesso vai continuar pressionando os preços desse combustível

É possível que o ano 2005 passe para a história como o começo do fim da era do petróleo. Em 30 anos de pregação, os ambientalistas não conseguiram convencer a opinião pública e os políticos de que se devia encarar seriamente, sob pena de mudanças climáticas irreversíveis, a redução do consumo das energias fósseis. A mudança de atitude se deu agora com a brusca alta dos preços do petróleo, que na opinião da maioria dos especialistas não voltarão a baixar significativamente porque a descoberta de novas reservas não acompanha mais o ritmo da extração. Caminhamos para o esgotamento das reservas de petróleo. Isso não ocorrerá amanhã, e sim no fim deste século ou até mais tarde. Porém, a demanda em excesso vai continuar pressionando os preços, sem falar nas vicissitudes da potencialmente explosiva geopolítica do petróleo.

James Howard Kunstler, autor do best-seller *A Longa Emergência*, alerta que um século de energia fóssil superabundante, barata e versátil fez com que a humanidade passasse a viver acima do nível compatível com a capacidade de carga do planeta. Para ele, estamos enfrentando o futuro como sonâmbulos. O despertar será extremamente duro porque não existe nenhuma alternativa para substituir integralmente o petróleo. Yves Cochet, deputado do Partido Verde e antigo ministro de Meio Ambiente francês, também adverte que a transição será difícil e marcada por forte decréscimo do consumo de materiais e de energia. Para ele, os preços altos do petróleo trazem o fim do mundo, tal como o conhecíamos.

Ignacy Sachs

Éditeur do Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo
na Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales, de Paris, na França

Abstract: The debate is on. Energy is crucial. The author is this article presents an optimistic view of what is implied, adding to the ideological discussion on the issue.

Significativamente, ambos os autores, que me parecem excessivamente pessimistas nas suas análises, subestimam o potencial dos biocombustíveis. Kunstler o descarta quase totalmente, baseando-se em dados equivocados sobre a eficiência energética de sua produção. Vista do Brasil, a atual crise de energia, longe de constituir uma catástrofe potencial, afigura-se como uma oportunidade extraordinária para liderar em escala mundial a transição da civilização do petróleo para uma civilização moderna baseada no uso de biomassa. Tanto mais que a quase auto-suficiência em petróleo protege o país contra o choque de seus preços no curto prazo e, no dia em que o país tiver sobras de petróleo, gera possibilidades de exportação.

Convém, no entanto, fazer três ressalvas: a produção de etanol e de biodiesel não esgota evidentemente o tema da política energética, na qual o aumento da eficiência deve ocupar, no Brasil, como no mundo inteiro, um lugar de destaque; a produção de agroenergia é apenas uma das vertentes do aproveitamento das biomassas, ao lado da produção de alimentos, ração animal, adubos verdes, materiais de construção, matérias-primas industriais, fármacos e cosméticos; por razões sociais, é imperativo que a expansão da agroenergia se faça por meio da consolidação e da ampliação da agricultura familiar, de maneira a maximizar as oportunidades de trabalho decente no meio rural.

Dito isso, o Brasil tem tudo para assumir uma posição de liderança na produção e na exportação de biocombustíveis, bem como de know-how e equipamentos necessários à sua produção: a maior biodiversidade do mundo, amplas reservas de solos cultiváveis, recursos hídricos invejáveis (exceto no polígono das secas), climas diversos e propícios à produtividade primária, pesquisa agrônômica e biológica de classe internacional, 30 anos de experiências positivas e negativas com o Pró-Álcool, montadoras de automóveis que lançaram o motor biflexível e uma indústria de bens e equipamentos capaz de construir usinas e refinarias.

O país, no entanto, precisa acordar para essa oportunidade e agir rapidamente para não ser superado por outros competidores que dispõem de condições menos favoráveis, porém com maior poder de mobilização. Durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos lançaram o projeto Manhattan para construir a bomba atômica. É o caso de lançar um projeto Manhattan caboclo de agroenergia.



EL SALVADOR

Iglesia Luterana se opone a producción de etanol en el país.

Rafael Menjivar Saavedra

SAN SALVADOR, 11 de abril (ALC).- “Siendo el maíz y la caña de azúcar la materia prima para la producción de etanol para combustible en el país, nos oponemos porque su impacto en la economía familiar será más grande que el beneficio que pueda generar” afirmó el obispo Medardo Gómez de la Iglesia Luterana Salvadoreña.

Luego de la visita del presidente de Estados Unidos, George W. Bush a Brasil, Centroamérica y México, en marzo pasado, el gobierno salvadoreño ha propuesto a El Salvador como país sede para el proyecto piloto de producción de etanol a base de caña de azúcar y maíz amarillo; sin embargo, aunque la crisis por el alza en los precios de los combustibles que rondan los 3.5 dólares por galón, impacta en la economía nacional, la iniciativa se enfrenta a una fuerte oposición de diferentes sectores.

El Ministro de Relaciones Exteriores de El Salvador, Francisco Laínez, informó que han suscrito un convenio de cooperación en el desarrollo de biocombustibles con Estados Unidos y Brasil y que efectivamente se prevé la instalación de una planta que surtirá a Centroamérica y otra más en el Caribe.

Según Laínez, tanto Brasil como Estados Unidos enviarán en los próximos días asistencia técnica y capacitación con miras a la instalación de la planta.

“Siendo El Salvador un país pequeño, pobre y deforestado, no entendemos como el gobierno se compromete a impulsar medidas que de antemano son dañinas para el país” sostiene Gómez.

“Nos oponemos a que los países desarrollados nos sigan ordenando qué hacer y que como país no tengamos un plan de Nación que nos oriente”, finalizó